

GAZETILHA

Ai do Judicibus!... Pobre! Anda velhinho e cançado De tanto que tem esgotado A sua linguagem nobre. Ai do Judicibus!... Pobre! Anda velhinho e cançado.

O trabalho fê-lo velho! A luta pô-lo na espinha! Nem o rei nem a rainha Já pôde ouvir lhe um conselho. O trabalho fê-lo velho! A luta pô-lo na espinha!

Sente se agora alquebrado E falta-lhe o sangue novo! Pobre da patria, do povo, Que o não tem já a seu lado! Sente se agora alquebrado E falta-lhe o sangue novo.

Portugal: oh patria minha, Meu paiz aventureiro, A quell'alma doentinha Idê servir de enfermeiro: Dae-lhe caldos de gallinha, Geléa... de marmelleiro.

JOÃO ALEGRE.

KALEIDOSCOPIO...

Recentemente se publicou um livro — In illo tempore — livro d'um cerzido acurado, todo saltante de impressões de tempos de mocidade descuidosa, livro que arruido fez nos arraiaes litterarios e que, evocando momentos de tempos idos em que a alegria dos 20 annos pôz o seu vinco, trouxe consolação aos espiritos de todos que o leram, mormente aos que em demanda do bacharelato, demoraram algures na Lusa Altenas que o saudoso Mondego banha.

Bem feito, repito, esse livro deve ler-se e merece o acolhimento que tem tido de todos — publico e obreiros da penna.

Mas... como não ha bello sem senão, o In illo tempore traz um retalho de prosa relativo a João de Deus, o adoravel e saudoso lyrico que por berço teve este Algarve sempre tão desprezado que tem já a ser chamado o reino dos Esquecidos. Para aqui o transplanto:

«O pae dizia lhe ás vezes: — Ora esta vida não te aborrece, ó João?»

Elle encolhia os hombros. Nem lhe aborrecia nem deixava de lhe aborrecer. Não reparava n'isto em tretinha se a tomar o sol, ficava-se ás vezes a ver o mar, e parece que já fazia o seu verso de quando em quando, mas nem aparava um lapis para «s escrever».

Leram, não é assim? Mas onde julga o leitor que se estabeleceu este dialogo entre o grande João de Deus e o auctor dos seus dias?

Em toda a parte, menos na aldeia nativa do sublime lyrico, não é verdade?

Pois labora em erro: o citado e familiar dialogo travou se em... S. Bartholomeu de Messines.

E, rindo a bom rir, o leitor está vendo o nosso soberbo Guadiana ao pés de S. Bartholomeu de Messines, submisso para que, ao menos, a casa onde nasceu o patriarcha do lyrisimo luso, se mire em suas espelhosas aguas...

Mas — que a verdade impere! — este pequenino senão pouco valor tem. E' como botija d'azeite lançada sobre o dorso do revoltoso oceano.

Mas, o meu temperamento de algarvio, não se conformava em deixar passar despercebido este retalhinho de prosa, prova cabal de que, infelizmente... somos um reino dos Esquecidos.

Trombeteiam gazetas de seguros informes que, a commissão administrativa do municipio de Lisboa approvou um projecto de postura prohibindo o trajecto de patos pelas ruas.

Hein? Acabarem os passeios dos patos em Lisboa... isso nunca! Será mais facil acabar com a horda de suco-acratas, sopra, aqui de lado, o commendador Pancrácio. Concórdio. E faz-me lembrar,

Condemnados em theoria os monopolios, o bancario d'aquella provincia é um erro estadístico, demonstrado pelo proprio commercio que vê coarctadas, restrictas, oneradas as suas mais reduzidas transacções.

Quanto á sahida de braços indigenas sob a mascara d'um contracto para o sorvedeiro de S. Thomé, e a falta d'uma lei de trabalho obrigatorio, regulamentada sem a inspiração piegas da brandura dos nossos costumes, são, pôde sem contestação afirmar-se, as origens do mal presente. A região do léste da provincia, é hoje um perfeito ermo resultado d'esse desfalcar do indigena para a ilha argentina e da doença do somno. Nos sertões de Benguella e Novo Redondo frisa-se apenas a primeira das causas isto ao pár que os nossos vasos de guerra e a imprensa d'um paiz colonial sem conhecer colonias, fazem ecoar nas tubas da fama a prisão d'um ou outro régulo da costa oriental, que sem a formula ficticia d'um contracto, chamou a si n'uma determinada zona o monopolio da escravatura.

As medidas de restricção da liberdade de imprensa nas colonias, são expedientes pouco conducentes d'um paiz liberal, hoje em indiscutivel evidencia internacional, e a separação dos poderes militar e civil é remedio ha muito pedido e jamais attendido.

Vê se pois que o trabalho elaborado pelo commercio e agricultura, isto é, o manifesto publico d'estas importantes classes é diploma de bastante valia, esquecendo-lhe apenas um facto importante — a disciplina technica das suas classes nos diferentes gráus que as constituem. Exemplifiquemos.

Nos tempos aureos da borracha os mercados principaes eram Novo Redondo, Benguella e o concelho de Catumbella succursal commercial d'esta capital de districto. Como se commerciou com o negro da borracha em Benguella e Catumbella até ao terminus d'esse manancial?

Da seguinte fórma: Chegava á Catumbella uma comitiva de cem negros com 160@ de borracha e buscava a casa d'uma qualquer razão commercial. A borracha era lhe paga pelo preço do mercado de Lisboa inclusivé, e em seguida era-lhes dado o tingo — presente de pequenas quinquilherias etc. — o genio é claro retirara satisfeito. Segunda comitiva buscava a mesma casa e encontrava o mesmo proceder, até que finalmente uma terceira, ás vezes de duzentos e mais negros pagava por todas. Chegava, era-lhe pezada e arrecadada a borracha nos armazens, como ás outras se tinha feito e, soffria o corte, isto é, cada carga de borracha era paga com equal pezo de sal, um lenço de chita de 100 réis o maximo, e um copo d'aguardente!

Emprazamos todos os funcionarios que tenham servido no districto de Benguella, a que nos contestem o facto que ali deixamos, talvez descripto com demasiada singelleza e restringimento.

Ha pouco, ha dias, quando no nosso nubloso e enfermo ambiente jornalístico, se debatiam mil alvitres entre mil e uma necessidades, d'um empirismo do nosso modo de vêr colonial verdadeiramente lastimoso, acudiu logo o dinheiro de S. Thomé e o jornal «O Seculo» com estampas e tudo publicou uma memoria descriptiva da «Rocha Boa Entrada» ou o quer que é, salvaguardando qualquer revez em que descreve que... o serviço d'Angola é alli tratado quasi a chá e torradas.

Então onde páram dez ou mais mil angolenses enviados annualmente e á dezenas d'annos para aquella ilha?

Cartas na mesa, e jogo franco. Abaixo o véo que cobre tanta vilania!

Deixemos o ouro da bemdita ilha em nome da humanidade, como em nome dos nossos velhos e arruinados fóros de fidalgo sustentamos a Guiné, Thimor e aquelle ninho de vergonhas chamado Forte d'Ajuda, pardieiro de barro encravado no viril protectorado francez na costa dahomeana!

Sim, não façamos apotheoses porque a marinha portugueza, prendeu um régulo arabe, um semi-selvagem, porque é escravagista.

Sim, não façamos comícios e manifestos, quando na ganancia, doença microbiana do ultramar, fômos e quiçá seremos o primeiro entrave a uma salutar e viril expansão colonial imprescindível para o bem commum, e já ameaçada por um perfeito, e aqui á puridade, justo bloqueio.

Sim, não instiguemos na imprensa o pezo e rigor da lei, para o já escravo do dever, que ali, em uma commissão, embora energico é arrastado, impellido, envolvido n'essa onda immorralissima d'interesses collectivos ante os quaes tem succumbido os mais fortes.

Esmiuçar, ferir no amago incidentes, delatar nomes, fixar epochas, designar locaes... para que?

Lançando um pouco á margem tanta sciencia, que hoje invade o nosso senhorio colonial quatro seculos de posse não nos dão a synthese precisa, mathematica, rigorosa dos nossos deveres como colonisadores?

R. L.

NOTICIAS DE CARTEIRA

Chegou na sexta-feira a Tavira o sr. dr. Mathews Teixeira d'Azevedo.

Esperavam-n'o á Murteira, em muitos trens, varios dos seus amigos pessoas e politicos.

Na companhia de sua familia chegou a Tavira na semana passada o sr. dr. Antonio da Silva.

Encontra-se em Tavira, retirando brevemente para Cascaes, o sr. Damião Contreiras.

Está em Tavira o sr. Antonio da Costa Raymundo.

Esteve esta semana em Tavira o sr. general Vieira Pimentel.

De PORTIMÃO

(AGOSTO, 17)

Na ultima quarta feira fez uma conferencia na sala do tribunal de esta comarca o sr. Alexandre de Figueiredo, agronomo do districto de Faro. Versou a sua palestra scienciafica sobre o mal que recentemente se descobriu na região vinha teira da Fuzeta, aconselhando s. ex. a agricultores presentes a combaterem cuidadosamente o terrivel microbio e a comprarem videiras americanas, dizendo que as meliores e as que mais convem ao proprietario algarvio são as do viveiro da Campina, de Faro. Pena foi que não se ficasse logo sabendo o preço.

— Continua fazendo com toda a regularidade as carreiras á praia da Rocha o ripert n.º 3 do sr. Graça Mirra. Bom seria que aos domingos, visto haver affluencia extraordinaria de passageiros, fossem tambem postos a circular os restantes riperts, os n.ºs 1 e 2.

— Falleceu no dia 13 o sr. Lopes Alves, sogro do estimado escrivão e tabellião sr. José Libanio Amado. Tambem se finou hontem a sr.ª D. Marianna Avellar, estremosa esposa do sr. Ignacio Avellar, despachante.

— Está ainda atrazada a composição dos Ditos e adagios, interessante opusculo do sr. Joaquim Negrão Buisel.

— Acha se melhor dos seus padecimentos o sr. general João Vieira.

FLORIDOR.

Theatro Tavirense

Nos primeiros dias de setembro deve ter lugar um espectáculo por amadores em beneficio d'este theatro.

PARTICIPAÇÃO

CHRISTOVÃO DA CONCEIÇÃO. A. participa aos seus amigos e paes suas relações, que mudou a sua residencia para a rua do Pé da Cruz, n.º 17, onde espera a continuação de o honrarem com as suas ordens.

FARO

esta postura, uma outra d'uma camara provinciana que impunha á canzoada dos campos o martyrio... do chocalho, martyrio que, creio, nunca prevaleceu.

Outro tanto acontecerá de Lisboa. Rejubilem os patos alfacinhas!

E para fecho d'oiro do mais fino e puro quilate esta definição de Vida. E' de Eça de Queiroz e pode ler se no seu livro A Cidade e as Serras.

«Miseria do Corpo, tormento da Vontade, fastio da Intelligencia — eis a Vida!»

E' magistral!

ALYPIO CUNHA

FALTA DE ESPAÇO

Obriga-nos este mal de todas as semanas a reservar hoje a resposta sobre as Caldas de Monchique e muito original composto e por compôr.

Cautela com as imitações.

Ha só uma verdadeira Emulsão de Scott.

O publico é prevenido que a unica EMULSÃO DE SCOTT legitima traz sempre a nossa marca de fabrica representando um homem segurando sobre o hombro um grande peixe. Esta marca registada acha-se no envolvere de cada frasco genuino. Por muitas razões é importante que seja usada na familia só a verdadeira EMULSÃO DE SCOTT, e aproveitamos esta occasião para chamar a attenção para este assumpto.

A EMULSÃO DE SCOTT é uma forma unica de oleo de figado de bacalhau em combinação como hypophosphitos de calcesoda, e glicerina. O seu fim principal, é dar al doente as maravilhosas qualidades do oleo de figado de bacalhau sem perturbar a digestão nem repugnar. No cumprimento d'este proposito a EMULSÃO DE SCOTT excede a todo e qualquer outro remedio. É tão agradável ao paladar que as crianças a consideram como um doce, e não transtorna a digestão.

Nenhuma outra forma de oleo de figado de bacalhau é tão eficaz no tratamento de molestia e de padecimentos chronicos como a EMULSÃO DE SCOTT. As imitações baratas que são tantas vezes offerecidas como substitutos são umas misturas de nenhum valor, que repugnam ao doentologo ao principio e não produzem resultados beneficos. É sempre bom recusar estas preparações inferiores e assegurar o bem desejado comprando a EMULSÃO DE SCOTT.

A EMULSÃO DE SCOTT é eficaz nas tosse, constipações, anemia, escrofula, bronchite, pulmões fracos, tuberculose, debilidade geral, rachitis, e em todas as doenças desgastadoras tanto de crianças como de adultos.



Marca de fabrica.

Peixe vendido na loja de Villa Real de Santo Antonio

na semana finda em 16 de agosto de 1902

Abobora, 119 atuns e 133 atuarros, vendidos por 1.489,541 réis. Medo das Cascas, 357 atuns, 805 atuarros e 94 albacoras, vendidos por 0.512,577 réis. Barril, 703 atuns, 925 atuarros e 58 albacoras, vendidos por réis 8.533,079.

Livramento, 210 atuns, 260 atuarros, 106 albacoras e 6 peixes diversos, vendidos por 3.220,056 réis. Bias, 23 atuns, 74 atuarros, 13 albacoras e 5 peixes diversos, vendidos por 407,147 réis.

Galé, 11 atuarros, vendidos por 38,958 réis.

Zavial, 15 atuns, 67 atuarros e 26 albacoras, vendidos por 423,997 réis.

Atalaya, 194 atuns, 442 atuarros e 70 albacoras, vendidos por réis 3.254,7662.

MISSA

A meza da confraria de Nossa Senhora d'Ajuda, participa á ex.ª familia e amigos do malogrado capitão-tenente da armada sr. Joaquim Gomes Xavier de Mattos, irmão mozoario que foi d'esta confraria, que no dia 26 do corrente, pelas 10 horas da manhã, manda resar na sua capella uma missa, sufragando a alma do finado, por isso convida a ex.ª familia, amigos e irmãos d'esta confraria a honrarem este acto com a sua presença.

Tavira 18 de agosto de 1902.

(5954)

1.º ANNUNCIO

No dia 31 do corrente, por meio dia, na porta do edificio da camara municipal d'este concelho, na Praça da Constituição d'esta cidade, se ha de arrematar em hasta publica a quem maior laço offerecer, superior ao da avaliação, sendo a contribuição de registo e as despesas da praça á custa do arrematante, o predio seguinte: Uma morada de casas altas na rua de Santo Antão, freguezia de S. Thiago, d'esta cidade, que consta de seis compartimentos nos altos e tres nos baixos, varanda, quintal e poço d'agua, allodial e foi avaliada em réis 500,000.

Este predio pertence aos herdeiros do fallecido Antonio Teixeira d'Azevedo Pinto, que residia n'esta cidade de Tavira e é vendido por deliberação do respectivo conselho de familia e interessados, visto ser indivisivel. Nos termos do n.º 1 do art.º 844 do codigo do processo civil, são citados quaesquer credores incertos.

Tavira, 9 d'agosto de 1902.

Verificado — D. Leote.

O escrivão,

Estevão José de Sousa Reis (5959)

1.º ANNUNCIO

No dia 7 do proximo mez de setembro a porta dos Camellos na Praça da Constituição d'esta cidade, se ha arrematar a quem maior laço offerecer a avaliação o seguinte: Uma courela no sitio de Santa Luzia, freguezia de S. Thiago d'esta comarca, que consta de terra de semear, figueiras e amendoeiras, allodial, avaliada em 150,000 réis. Esta courela devidamente demarcada de predio maior pertence a Sebastião da Trindade Franca, ausente, e a sua mulher Maria do Carmo por herança de seu pae e sogro Sebastião da Trindade Franca, morador que foi no referido sitio de Santa Luzia e é vendida para pagamento de dividas por virtude de deliberação do conselho de familia e interessados tomada no inventario d'este ultimo Sebastião da Trindade Franca. São citados quaesquer credores incertos nos termos do n.º 1 do artigo 844 doCodigo do Processo Civil.

Tavira, 16 de agosto de 1902.

Verificado — D. Leote.

O escrivão,

(5958) José Joaquim Parreira Faria

ESMOLA

OS encarregados da festividade do Santa Luzia, receberam do ex.ª sr. dr. Antonio Padinha, director da armagão Barril ou Três Irmãos, um atum vendido na importancia de rs. 14,585, o que agradecem. (5956)

PIPAS E LAGAR

QUEM pretender comprar pipas e um lagar com todos os seus pertences dirija-se a Antonio Pires Madeira, em TAVIRA (5955)

VENDE-SE

NA rua do Poço da Pomba n.º 10, pipas, amendoas cocas e duras. TAVIRA (5957)

VENDE-SE

UM carro de caopeira e de molas, para uma cavalgadura. Trata-se com José da Costa Alvo.

PORTIMÃO (5919)

EÇA DE QUEIROZ

Conheci-o ha pouco mais d'um anno, n'um gabinete de *restaurant* onde elle ia ceiar todas as noites, com rapazes. Espirito adoravel, bordado de infantilidades sabiamente premeditadas para os efeitos scenicos de seducção intellectiva, mordacidades de alto e polido estylo, e sobretudo esse privilegio sagaz de não perder um millimetro de estatura, pela intimidade e pela franqueza, prodigalisadas em volta. E' verdadeiramente um homem de raca, com a impressabilidade multiplice requerida pela litteratura que faz, e uma paciencia e probidade admiraveis, que lhe permitem transformar, refazer e destruir mil vezes uma pagina, sempre que persinta não traduzir ella nitidamente, a idéa a fixar ou a desenvolver. Tudo n'essa figura de cartilagem, franzina e pallida, trahe o espirito depurado em requintes subtis á custa d'uma especie de tortura physica, que o rala, ao mesmo tempo que o transfigura. Olhem bem aquella *masque* de face cavada e nariz astuto, com olhos de myope alternadamente coruscantes e doces, bocca fina, que sob as azas do bigode aos cantos se atormenta n'uma ironia que faz na sua conversa e na sua prosa, um scintillar de espadas em duello. Ao premir, na orbita o monoculo, as sobranceiras negras extranhamente arqueadas aproximam-se e palpitam, como remiges em azas de corvo, pondo na physionomia, o que seja d'um cunho mephistophelico. Voz grave ora de morosidades morbidas, ora em cadalupa febril.

E ahi está a *silhouette* do romancista de genero, que com Theophilo Braga, Oliveira Martins, e alguns mais, synthetisa o espirito da Renascença litteraria do Portugal dos nossos dias. Porque isto não é uma biographia, não detalharei, episodio por episodio, na historia d'este temperamento excepcional, as influencias de nascimento e educação, a sua resistencia pela cabula ao meio dissolvente do bacharelato, a singular prudencia meditada com que, durante os annos de formatura, Eça de Queiroz, ou não escreveu linha, ou se alguma coisa escreveu, tudo rasgou em segredo, não havendo attingido ainda a ideal justeza de forma e criterio com que sonhava.

Como escriptor, Eça de Queiroz appareceu na *Gazeta de Portugal*, ha bastantes annos, não sei bem assignando folhetins cuja formula, imprevista pela cor e pelo corte, fez um escandalo na irmandade dos prosadores, que nadando em gloriolas choutavam ainda nos moldes classicos das velhas edades. Tenho lido alguns d'esses trechos convulsos, em que os contrastes e as imagens fuzilam n'um chuviro de estrellas cadentes, indisciplinadas, sacudindo plumagens de orientes matizes. Aqui e além reflectem as leituras predilectas do artista de então, de cujos clarões resaltam em fagulhas d'oiro, vivas notas d'um espirito, que é extravagante e serio ao mesmo tempo. Essas paginas soltas, em que circula o bom sangue de rapaz, e a alegria instrumenta susprehenentes muzicas foram escriptas no tempo em que Eça de Queiroz, bacharel e ocioso em Lisboa vivia a bohemia elegante do *Cenaculo* insti tução vermelha, que installada n'um terceiro andar de S. Pedro d'Alcantara, se dispunha a bombardear a rotina patria, a tiros de sarcasmo e de heresia.

O *Cenaculo* tem sido descripto a capricho por cada membro, conforme, segundo infiro, a saúde do respectivo figado, e o estado de luz, temperatura e pressão do local em que a descripção ha sido feita. Ramalho conta-o um centro de sedicção litteraria, em guerra aberta contra o romanticismo, tísico já então em terceiro grau, tanto na litteratura, como na arte, na politica, e no figurino—e refere no campo da anedocta, do *Cenaculo*, casos d'uma graça sem par, o horror de um filiado pelos patacos, o processo de certo vate parvoinho, o

idyllio d'um moço de grandes pés, não sei que mais cousas formidolosas. Theophilo Braga, desguarnecendo este club das incrustações anedocticas, infiltradas pela versão oral de cada membro, reduzio-o simplesmente a um *culé* de rapazes, para uso de cavacos amigaveis e intimos, festins economicos e—naturalmente amores faceis.

Parece que por algum tempo, as palestras do *Cenaculo* foram calorosas e concorridas. Iam ali todos os rapazes de talento de então, muitos dos que hoje andam em apothese, e alguns que liquidaram, na provincia ou no cemiterio, o que vem a ser o mesmo para o mesmo caso.

Anthero do Quental dominava o grupo com a loira cabeça de adolescente inspirado, cabeça que realçando o dito de Castellar, podia conter o infinito sem ficar com o craneo em estilhas. E em volta de Anthero, o Batalha Reis, Oliveira Martins, Anselmo de Andrade, Ramalho, Saragga e os mais. Perguntei a Eça de Queiroz pelo *Cenaculo*, se o frequentava muito, e se era verdade o que d'esse pandemion corria. — Não! Conhecera já nos paroxismos o terceiro andar de S. Pedro de Alcantara, casa de palestra com fins economicos, alugada como reminiscencia da *Bohemia* de Murger.

Do *Cenaculo* nasceram as conferencias democraticas do *Casino*, annunciadas em prospecto a 16 de maio de 1871, e inauguradas a 27 do mesmo mez com a conferencia de Anthero: *Decalencia dos povos peninsulares*. A conferencia de Eça de Queiroz — *Theoria da arte, segundo Proudhon*, foi a terceira. A quinta — *Divindade de Jesus*, pelo judeo Salomão Saragga, apenas chegou a annunciar-se, porque o ilheu José d'Avilla, então Marquez de seu apellido, grande conservador temente a Deus e presidente de ministros, mal soube do titulo heretico da preicção correu livido de assombro aos braços de Martens Ferrão, a consultar o manso cordeiro em calamidades taes. O resultado foi uma portaria prohibitiva das Conferencias, em resumo.

A vida de Lisboa começa porem a enfasiar Eça de Queiroz, pela estagnante ociosidade dos seus indigenas o ar baço das caras, pelas pitecas dos *sportmen* derradas Chiodo acima, pelos pianos, pelos almanachs litterarios e versitos avulso. Levado na corrente, até já em publico bocejava. Para desanestesiar os nervos, dormentes da monotonia quotidiana, começou a inventar *toilettes*, a casar as mais excentricas côres, e a surpreender-se todas as manhãs ante o espelho, com um novo modelo de gravata.

Contra esse tedio que o minava, o tedio de Ramalho Ortigão, seu grande amigo, travava batalha singular, a golpes de figurino—era de vêr qual dos dois, todas as tardes deslumbra a Havanza com cheviotes de mais variegados matizes. Isto corre; poderá não ser verdade—já não foi do meu tempo, em summa.

De collaboração Eça e Ramalho encetaram então as *Farpas* a fasciculos mensaes de cem pequenas paginas. As *Farpas* tinham como lemma, estas palavras — *Para baixo!*— e como subsidio, de uma banda, um mundo de aleijões e grotescos, e da outra o humor caustico de dois scintillantes espiritos.

Não se descreve o successo da incomparavel revista critica, nem se agradecerá nunca sufficientemente, aos dois valentes demolidores, a salutar influencia que a sua obra produziu n'um certo grupo de cerebros novos, que sem ella só tarde attingiriam a orientação suspirada.

As *Farpas* de Eça e Ramalho agarravam em tudo, nas cujas tortas, nos espartilhos suados, nos craneos occos, na Carta Constitucional, na quebra de um Banco, n'uma carta de namoro, condecorações prodigalisadas a barbeiros e traficantes, em toda a ordem de pessoa ou de coisa, desde o vadio sem

guardia, até ao ministro sem credito, e vinham á rua sacudir o objecto ou o ser em questão, na ponta de uma tenaz ou de uma pinça. Lisboa attonita a semelhante desafio, golpou as raivas biliosas, pela penna do jornalismo atochado de emphase e parlapatice—o que forneceu á publicação moderna um thesouro de inexaurivel ridiculo.

Mas Eça de Queiroz aborrecia-se mais e mais, na pequenez do meio alfacinha e atmospherica de imbecilidade ambiente. E deixando as *Farpas* á porta de uma como evolução scientifica, que lhe ia imprimindo o talento de Ramalho, que já por esses tempos mergulhava em biologias e sciencias annexas, descompondo furibundamente as matronas que descuravam da chimica, na confecção das canjas domesticas, e os examinandos que suavam das mãos—partiu-se um bello dia para Havana, consul geral. Tinha antes, esquecia-me dizer, figurado em Evora e Leiria como secretario geral. Parece que n'esta ultima cidade esboçou o *Crime do Padre Amaro* para furtar-se aos marasmos de terreola onde o convivio embesta e o fastio desconsola de morte.

O *Padre Amaro* viu a primeira luz na *Revista Occidental*, jornal de 4.º grande, 100 paginas quinzenaes, escripto em hespanhol e portuguez, e morto de fome como é uso na terra ao fim de quinze ou deseseis fasciculos, tendo-se já publicado todo o romance, que Eça ausente, não pode rever. Li o *Padre Amaro* da *Revista Occidental*, n'um tempo de rapaz, em que o espirito inquieto tem a grande receptividade de emoção, que vae sugando de tudo que o cerca materiaes que depois expande assimilados, n'uma levandade que é ao mesmo tempo estouvada e sympathica, por ser sincera.

A forma litteraria d'esse esboço, era de um desleixo como nunca vi, mas tão pittoresca e tão musical, que palavra de honra, embriagava quem lia. Guardo preciosamente esse texto, a quem devo quasi um reviramento mental. Porque escuzo dizel-o: era o primeiro livro de arte nova, que chegava á desconsolidadora penumbra em que eu então vivia.

Tinha eu por esse tempo uns deseseis annos, era admirador fervente do *Conde Soberano de Castella*, tão fervente que chegava a declarar inimitavel e prima a obra su praticada, o que é uma calumpnia, agora serio.

O *Padre Amaro* appareceu depois modificado e correcto em volume, na chamada *edição definitiva*, e ha quatro annos ou tres, ampliado em segunda edição, onde Eça modificou a acção, introduzindo lhe typos novos. A nova edição refundida é perfeita e completa, no romance psicologico como no romance physico; o detalhe de exuberancia e subtileza notaveis; o dialogo preciso, curto e cheio de movimento, resalta de verdade crua; levemente facetado de sarcasmos, e de colorido extraordinario, á maneira dos flamengos; todo o jogo de scena destaca bruscamente os seus desenhos, que pousam negros em fundos claros, e claros em fundos negros. A vida de cidade de provincia, vive ali tão minuciosa como se vista a microscopio, e as figuras passam, conversam, intrigam, oram ou peccam, como nós temos visto viver, morrer, passar, conversar e peccar um mundo que passou por nós, n'algum periodo forasteiro da nossa existencia. N'esse fundo de beatas falsas, padres contaminados de culpa, alcoviteiras intermediarias de crimes, velhos imbecis ou castrados nauseandos, um personagem passa recortado em negro, ministro de vêr, mesmo quando sorri e implora, vergado de fatalidades, e sob o peso constante de uma imposição retrogada. E' o *Padre Amaro*, carregando nos seus hombros de homem e de propagador, o tremendo fardo do celibato—blasphemia que torna odiosa e peccadora uma collectividade. O *Padre Amaro* é a grande figura do livro, cala-

mitosa e tragica, observada com uma paciencia habil e uma arte surprehendente, desde o seminário, onde lhe obsecaram as aptidões e as alegrias de infante, na infecundidade beatice das formulas religiosas e na penitencia dos velhos claustratos, até ás transições imperceptiveis e aos perigosos momentos, em que o levita convicto e o manso cordeiro innocente, se transfundem no tonsurado rabula, hypocrita, incestuoso, e egoista, impondo-se deveres severos por apparencia, por calculo e ganha pão, vituperando tudo, e tudo correndo, com a lepra da sua viciosa natureza.

Todos conhecem o romance que não temos tempo para contar. Nos varios episodios da acção, que se desenvolve vigorosa e nitida, apparecem com a maior sciencia de desenho e colorido, os personagens de centro administrativo e os varios typos de uma raca ignorante de provincia—a politica canalha de terreola, em que figuram administradores ociosos, escripturarios mal pagos, sachristães neutros, padres verdes, cobertos de appetites exoticos, e mulheritas que sonham com santos em pello, e occultamente se dão aos creados lorpas, de grenhaloura. E as scenas são as mais contrastantes de fina observação e pungente realismo, e a tramoia clerical com os seus apendices ignobis, accentuam-se e desenrolam-se, com largo poder illuminante d'um estylo nervoso.

Ea prefiro-lhe inda assim, salvo n'um ponto ou outro, a *edição definitiva*, mais sobria e por isso mais lucida, onde não predomine como na ultima, a intenção de deslumbra por detalhes escusados e multiplicidades de typos. A *Tóto* por exemplo, é uma figura que se dispensava bem; a *Tecedeira dos anjos* uma phantasia de artista, sem outro merito alem do mau gosto, de substituir a scena tragica do infanticidio, tão nervosa e verdadeira na *edição definitiva*.

O *Crime do Padre Amaro* é uma obra prima, equal ás melhores que a admiração universal tem consagrado, porque ninguem como Eça de Queiroz comprehendeu melhor, com a sua prodigiosa sagacidade de artista, como o romance moderno aspira a ser photographia da sociedade, surprehendida no seu labutar incessante ou na sua atonia de decadencia—manifestação d'arte das mais complicadas e esplendidas. Pela paisagem, servindo a dar a feição de um logar, de tal modo precisa, que se não confunda com qualquer outro, com as côres, gradações, tonalidades, linhas geraes fidelissimas, e efeitos de luz correlativos de sua architettura e da sua flora. Pelas descripções de interiores, resumindo predilecções artisticas do tempo, dando o estylo das mobílias, tapeçarias, quadros, bronzes, artes ornamentaes, e todos os pormenores de luxo ou simples conforto, requeridos pelos requintes de opulencia, ou exigencias de clima e de meio. Fornece á sciencia e á historia, pelo desenho dos personagens physicos e psychologicos, notaveis subsidios sobre o empobrecimento ou efflorescencia das castas, informando-as com precisão surprehendente dos temperamentos, das aptidões, das actividades e dos vicios, dando o efeito das orientações particulares de cada ser, pelo parentesco com outros seres, em que predomine este ou aquelle facto morbido, e esta ou aquella exaggeração pathologica. Nas minimas deliberações e palavras de um homem vae descobrindo analogias, correlacionando factos dispersos, todo um processo continuo de elaboração mental, fatalmente dictada por uma informação particular do cerebro, com a mais rigorosa verdade, estuda o typo nas varias camadas, sem esquecer um pormenor de feição, uma bossa de craneo, uma saliencia de musculo, um appendice de vestuario, um olhar, uma ruga, e toda a mimica complicada da physionomia fremente a qualquer emoção. Finalmente pelo dialogo, civa-

do da *gria* pictoresca ou vadia, de formulas familiares, estribilhos de velhas cançonetas, rifões, dichotes mordazes ou ditos picantes, os valentes subsidios pelo romance fornecidos aos mais ramos de estudo, fortalecem se e completam se pela accumulção da grande somma de factos observados, e traços caracteristicos colhidos sobre a vida social de uma familia ou de um povo.

Por esta forma, o romancista carece de ser um homem de sciencia, pensador profundo, escaipellista sagaz, espirito cheio de criterio e bom senso, e sobre tudo isto artista. O seu processo de analyse social, carece como nas sciencias de observação, Botanica, Zoologia, Anatomia, de paciencia extrema, lente purissima, olhar perspicaz e cabeça solida. Não construindo scenas e personagens de fancaria e pura imaginação, o artista vae aos sitios em que vive o personagem, surprehende-o fallando por phrases cortadas que auxilia de gestos familiares, respirando o ar proprio do seu meio; na taberna entre a fumarada dos cachimbos; nos prostibulos em convulsões de besta; na officina ao rumor das engrenagens e ao *tic-tac* dos balanceiros; no escriptorio, atrofiado na sua vida de sedentario; no *ménage* sob a luz amiga do serão; na cadeia, a bordo, nos campos, em exercicio de profisões ou em goso de ociosidades—em qualquer parte, n'uma palavra. Surprehende-o e interroga-o subtilmente, naturalmente, sem o espantar. De episodio em episodio, reconstrue-lhe o passado; por comparações e deducções habeis, infere a lei d'esse animal que obedece na vida, como o escravo, a um codigo, que lhe impõem a natureza physica da casta a que pertence, as condições em que o desenvolveram, e a energia vital de que dispõe.

Qualquer que seja o seu processo, que é pouco, o seu fim é a verdade, que é tudo,—a verdade scientifica allumiada por uma sã philosophia, sem nebulosidades e sem convenções.

O romance naturalista, é pois um livro de physiologia, vulgarisada sob uma forma facil, e um perfeito trabalho de classificação, que permite escrever os nomes de Claude Bernard, de Bichat, de Vulpien, de Virchow, de Claus e Darwin, ao lado dos nomes de Zola, de Droz, Cladel, de Flaubert, e de varios outros.

Deixa de ser então, uma concepção arbitraria, para se tornar um problema de alto relevo scientifico e sociologico.

Os senhores comprehendem de certo, que uma linguagem depurada pelos classicos, rigida á força de correctica, propria de academicos pelo enfatico dos periodos longos, e capaz sómente de exprimir idéas geraes e typos vagos n'um meio artificial, não serve a traduzir a complicada vida moderna, incrustada de outras sensações e de outros nervosismos, onde a toda a hora, fuzilam as boas e más tendencias, no tremendo conflicto da rasão com a carne. Multiplique como é, horriavelmente multiplice, o romance de observação, alargado na area que deleneei, carece da terminologia de todas as artes, de todas as sciencias e de todas as industrias; e sem respeito á estreiteza dos vernaculismos, tem de forjar uma lingua propria, precisa e maleavel, que seja a formula algebrica do pensamento, e nos dê em toda a sua excentricidade, o cosmo que se pinta, com a profusão fatal dos detalhes, dos caracteres, das manias, das architetturas e dos interiores. Em poucas linguas esse trabalho está feito. Entre nós, muito menos. Inda agora o encanto dos homens serios, é um trecho do melifluo Frei Luiz de Sousa, e os grandes aposentados da litteratura, em voz baixa, cuidando ferir a grande técla, aconselham aos cogumellos chinfrins das redações, assidua e absorvente, á imitação dos classicos.

Eça de Queiroz trabalhando os seus romances, na carne latejante

do meio observado, teve, ao referir das suas viviseções, o enorme trabalho de alargar a linguagem, de lançar mão para assim dizer, de certas combinações de palavras dissidentes, de desorganizar o molde convencional da oração—com sujeito na frente, depois o verbo, e por fim complementos fechando prestito, a tocarem a marcha. Na sua construção litteraria, roia o nefando insecto dos troncos velhos, que os puristas chamam gallicismos. Razão porque, na primeira versão do *Padre Amaro*, a redacção é extravagante talvez ás vezes dubia e rebelde, deixando adivinhar a lucta do artista contra a forma, lucta que já attribuava Balzac, e forçava Flaubert a escrever um livro em sete ou nove annos. Não vão pensar agora, que faço d'elle um reformador de linguas: mas urge fazer sentir mais este lado flagrante d'essa indole sagacissima, cuja doentia irritabilidade é um prodigio, na sociedade apathica, a que os amigos teem a deshonra de pertencer. Já lhe censuraram nos livros, o predominio dos typos grotescos, viciosos ou maus, sobre as figuras honestas, crystalisadas em evangelica bondade. Agora serio, nunca vi que n'esta decadencia de costumes, os bons predominassem, com o relevo das grandes figuras. Somos essencialmente uns desequilibrados.

Podemos ter nascido idealmente bons, mas a hostilidade do meio febril que tateamos, a lucta cruel que ferimos, em resistencia aos que comnosco concorrem, sedentos de cargos, honrarias, e pão, a necessidade de furar caminho, de arranjar nicho, de predominar, de comer, de saciar os instinctos, as vaidades e a carne, cedo nos murcham a primitiva pureza da alma, e nos ankylosam a delicadeza nativa, fazendo de nós uns egoistas risonhos, uns seres esmaltados de bons ditos e excellentes desejos formulados, mas tendo sempre fixa a idéa, de a larva humana que nos fica ao lado—nos faz sombra e nos rouba o quinhão, que poderíamos devorar sozinhos. Absolutamente bons, palavra de honra, só sei dos que, por isso mesmo—foram mettidos em Rilhafolles.

Fazendo o reverso d'uma certa qualidade ou de uma certa sensatez, ha sempre uma mania, um vicio ou um forunculo em evidencia no caracter ou no corpo. Vejam Julio Diniz, esse bemaventurado da pureza humana. E' um idealista; as suas mulheres lembram as virgens gothicas de *fra Beato Angelico*, que espiritalisando as physionomias em extasis beatificos, já por fim não pintava seres vivos, mas alminhas da côrte celestial.

O homem, dizia Balzac, não é bom nem mau; nasce com instinctos e aptidões, a sociedade em vez de o depravar, aperfeioa-o, fal-o melhor. E' o interesse que lhe desenvolve as más tendencias. E a physiologia pathologica confirma taes affirmações.

De anno a anno, Eça de Queiroz vem a Lisboa, observar de quantos seculos Portugal retrogredou, desde a ultima visita que lhe fez. Traz sempre a lente do mesmo grau, afim de não se attribuir a effeitos do vidro a mesquinhez da imagem observada. E das suas janellas do Rocio, vê arrastar-se em baixo, a miseravel gente, amarella e morna, que vai para o emprego publico ou vem de casa de penhores. A fealdade das caras amedontra-o e desconsola-o.—Mas esta gente, foi então feita por curiosos! diz elle, parando ás vezes na rua.—No fundo da sua ironia, ha uma bondade grave, talvez triste.

E o seu olho doce espia-vos sempre, de relance, luzindo entre as palpebras unidas de myope, como a perola por entre os bordos de uma concha bivalva. Um noctambululo, este homem, fragil como uma mulher e vivaz como um polypo. Quando o nascente esmaie, e as estrellas fazem o pisar de olhos garotos de quem espreguia uma nuvez lasciva, é que elle cheio de contracções aduncas se resolve a dormir então. Ergue-se pela tarde, e trabalha até noite fechada, depois de comer. Janta já noite velha, faz em seguida o seu passeio nocturno. Já consul em Inglaterra, publicou

o *Primo Bazilio*, romance da vida burgueza, caso de adulterio, uma esposa com um primo, na ausencia do marido. A culpa é surprehendida por uma criada, que por intermedio d'ella explora e mortifica a ama. Em to: no d'este episodio, voltam typos de camada media de Liaboa—o conselheiro; o medico ambicioso e pobre, em rebeldia contra os mediocres, que ascendem pelo artificio da pose ou do parentesco, a solteirona incendiada nos erotismos dos cincoenta; Sebastião, um passa culpas cheio de bonhomia: o Paula dos moveis, caricatura de baixo commerciante philosopho, e alguns mais.

Este livro foi lido por toda a gente, e reputado obscuro pelos moralistas na alta vida litteraria.

E' obscuro, o que é mal escripto. Escreveu Zola que uma phrase bem feita, é uma acção excellente; e que o ignobil começa, onde o talento acaba. Escrever a verdade em toda a sua crueza, e por uma especie de probidade artistica, sempre que o exija o assumpto que se dissecar—eis o dever impreterivel do escriptor, que faz anatomia e pathologia sociaes. Só é torpe, referir com intuito anticipado de escandallo, as scenas cruas e os assumptos lascivos, não tendo em vista o menor proposito critico, e sem que o requeira a fatalidade logica do problema a resolver.

FILHIO D'ALMEIDA.

MERCADO DE GENEROS

DIA 17 DE AGOSTO

Trigo.....	680	14 litros
Cevada.....	360	»
Grão de bico.....	17000	18 »
Milho.....	580	20 »
Aveia.....	400	»
Fava.....	800	»

1.º ANNUNCIO

NO dia 31 do corrente mez, por meio dia á porta dos Paços do concelho, na praça da Constituição d'esta cidade, se ha de arrematar a quem maior lance offerer acima da avaliação, o seguinte predio: Uma propriedade rustica no sitio da Egreja, freguezia da Luz, d'esta comarca, denominada o *Morgadinho*, allodial, avaliada em 11:1665000 réis. Este predio que pertence a Joaquim Manoel Ferreira Chaves, e esposa D. Maria Antonia Pires Chaves, residentes em Lisboa, é vendido por virtude de execução que lhes move o Dr. Manoel Aguedo Gomes de Miranda, residente em Faro. São citados quaesquer credores incertos nos termos do n.º 1 do artigo 844 do Codigo do Processo Civil.

Tavira, 14 de agosto de 1902.
Verificado—D. Leote.
O escriptão.

José Joaquim Parreira Faria (5932)

MOINHO DE AGUA

VENDE-SE o *Moinho da Forca* e respectivos sapaes, nos suburbios de Tavira. Trata-se com Joaquim Padinha. (5953)

PROPRIEDADE

VENDE-SE uma propriedade no sitio das Covas do Gesso, freguezia de Santa Maria, d'esta cidade, que se compõe de figueiras, oliveiras, amendoeiras e vinha. Esta fazenda é a que foi do fallecido Cesario Vaz. Quem pretender comprar pôde fallar na mesma com José Afonso Martins, Tavira. (5950)

ANNUNCIO

BREVEMENTE se annunciara a venda em praça particular das courellas situadas na

Bella-Fria e Perogil

de Manoel Alvares Barbosa de VILLA REAL DE SANTO ANTONIO (5947)

BURRA PARA LEITE

VENDE José Antunes, de S. Bartholomen (Castro-Marim). (5934)

PETROLEO DE BOA QUALIDADE

VENDE José Gonçalves Palmeira Senior, Rua Nova Grande n.º 10 e 12 Tavira, a 33300 réis a caixa e de 3 caixas para cima a 33200 réis. (5929)

PIPAS

VENDE-SE um lagar e prensa, pipas e mais utensilios de adegas. Quem pretender dirija-se a Manoel das Dóres—Tavira. (5940)

CHARRETTE

VENDE-SE uma em bom uso, eixo inglez e boas ferragens. Trata-se com Mathias Jeronymo, Oitão. (5913)

ATTENÇÃO

VENDE-SE, em bom estado, meta-de d'uma arte d'arrastar. Quem pretender dirija-se a Luiz Rodrigues Corvo, em Tavira. (5916)

MEIAS PIPAS

VENDE João Pedro Maldonado, em Tavira, 10 meias pipas novas em folha, proporcionadas para carro. (5941)

ARRENDAR-SE

UMA propriedade no sitio da Fonte Salgada, denominada *Pego d'Aragão*, que consta de terras de semear, todo o arvoredo, hortas e pomares; casas de habitação, ramada e palheiro. Trata-se com o seu dono

José Francisco Travassos Neves (5946)

CARRO

QUEM pretender comprar um carro de molas novo, dirija-se a João Antonio Baptista Pires, freguezia da Luz, ou em Tavira a Augusto de Mendonça Conceição. (5938)

VENDE-SE

UMA morada de casas nobres, na rua Direita em Tavira, com sahida para a rua do Rego. Trata-se com seu dono Joaquim Rodrigues Mil-Homens, em Faro. (5924)

ACCÕES DE PESCARIAS

VENDEM-SE 60 acções, da Companhia de pesca d'atum, *Cabo e Ramalhão*. Trata-se com Antonio Padinha, em Tavira. (5925)

ARRENDAR-SE

OS fructos d'uma propriedade que pega com a propriedade do sr. Manoel Callega, no sitio do Alvisquer da freguezia da Conceição de Tavira, que consta d'uma vinha grande, figueiras, uma alfaiateira e duas casas de habitação; propriedade dita que foi da sr.ª D. Maria do Carmo Soares e hoje de suas irmãs, que quem pretender arrendal a pode entender-se com as donas que moram na Rua Nova de S. Pedro n.º 12 em Tavira ou com Sebastião José da Silva Junior, com loja na Praça da dita cidade de Tavira. (5917)

CASAS

VENDE-SE uma morada de casas com cinco compartimentos: corredor, sala, quarto, casa de jantar, cozinha, e quintal um sobrado e varanda, sitas na rua de S. Thiago. Quem pretender comprar dirija-se a José Gomes Baptista Callega. (5907)

Officina de canteiro e esculptura

José Maria Paolino Fernandes

Eucartega-se de todo o trabalho pertencente á sua industria; jazigos, campas, ornamentos, espelhos, banheiras, bancadas, mármore para moveis, etc. LARGO DO CARMO. Faro (5872)

ACCÕES

da Companhia de Pescarias do Algarve

COMPRAM-SE a 100\$000 cada uma em grande ou pequena quantidade.—Rua Direita n.º 84—FARO. (5939)

VINHO TINTO

VENDE-SE a 800 réis os 20 litros pagando o comprador os direitos. Na adega de Theodoro José Raphael, rua de S. Braz, em Tavira. (5927)

FABRICA DE LICORES

EM FERRAGUDO

SEculo XX

A. JUDICE & C.ª PORTIMÃO

Impõem-se dia a dia no nosso mercado os importantes productos desta fabrica, não só pelas suas excellentes qualidades, já reconhecidas pelas principaes casas consumidoras do reino, mas ainda pelos seus preços sem contestação mais baixos.

E' d'isto valiosa prova a importante compra effectuada pelos Ill.ºs Srs. Jeronymo Martins & Filhos, proprietarios do primeiro estabelecimento no genero em Portugal, e em cujas montras se faz permanente exposição dos nossos variados e finos licores, convidando desta forma todos os seus numerosos freguêses e o publico em geral a reconhecer a veracidade das nossas multiplices affirmações, avaliando praticamente a nossa excellente fabricação.

E para maior honra nossa e mais segura garantia do publico consumidor, a referida casa, que conta de existencia mais de um seculo, passado na conquista dos mais altos creditos de seriedade, atesta, a quem quer que seja, que os nossos licores, muito superiores a quaesquer outros do país, rivalisam com as melhores marcas do estrangeiro, levando lhes espantosa vantagem no preço. (5928)

AO AGRICULTOR

E AO

INDUSTRIAL

DEPOSITO AGRICOLA

E DE

MATERIAL PARA FABRICAS DE CONSERVAS

ADUBOS SIMPLES E COMPOSTOS, para todas as culturas e terrenos

SULFATO DE COBRE, 98/99 % d'oxydo de cobre

SULFATO DE FERRO

ENXOFRE BRANDRAM, 1.ª, em barricas

ENXOFRE AMARELLO, moído, de 1.ª qualidade

ENXOFRE CUPRICO, 8/10 % de sulfato de cobre

PULVERISADORES, ENXOFRADORES e todos os instrumentos para tratamento das vinhas, etc.

TESOURAS DE VENDIMA, GADANHOS PARA UVA,

PRENSAS Mabile e Piquet, ESMAGADORES Gaillot, PESA mostos,

TUBOS DE BORRACHA E MANGUEIRAS DE LONA

CHARRUAS, GRADES, TARARAS, DESCAROLADORES

DE MILHO, TRITURADORES DE RAÇÕES ETC.

FSTANHO EM BARRA E VERGUINHA

CHUMBO EM BARRA

COBRE EM BARRA

FOLHA DE FLANDRES

PREÇOS DE LISBOA

EM

VILLA NOVA DE PORTIMÃO

19, 23 E 25—RUA DA RIBEIRA—19, 23 E 25

Recebe pedidos e envia preços de azeites nacionaes e estrangeiros.

N. B. Como representante de varias casas commerciaes, nacionaes e estrangeiras, recebe amostras e preços de todos os productos agricolas e industriaes, para exportação, e satisfaz quaesquer encomendas.

Desde já recebe propostas de venda de alfarroba, amendoa e figo.

DIREGIR A

J. B. S. Castel-Branco

COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

19, 23 e 25—Rua da Ribeira—19, 23 e 25

PORTIMÃO

(5862)